


O TÊNIS FEMININO NO BRASIL



SESC
SÃO PAULO



O INÍCIO DO PROFISSIONALISMO

***Enfim, elas
se unem.***

E nasce a LIFT.

*A exemplo da
norte-americana Billie
Jean King, alguém teria
que fazer alguma coisa
para instituir o
profissionalismo também
no tênis feminino
brasileiro. Ai pintou a
LIFT.*

A LIFT uniu as tenistas e criou condições para que o tênis feminino se tornasse atraente.

A impressão que se tinha naquele início de 1975 era de que o tênis feminino nacional estava tão sem saída como sempre. As jogadoras, poucas, só se encontravam uma vez por ano, no Campeonato Brasileiro – e mesmo assim para lutar por prêmios irrisórios. Torneios e patrocínios eram sonhos distantes. Enfim, o profissionalismo introduzido nos Estados Unidos por Billie Jean King, em 1968, e que levou à fundação da Women's Tennis Association em junho de 1973, parecia inacessível às nossas mulheres.

Acompanhar as façanhas das norte-americanas era um consolo para as tenistas brasileiras, que também acabavam lucrando com o movimento de suas privilegiadas companheiras. A própria Billie Jean havia contribuído significativamente para melhorar a imagem da mulher tenista no mundo ao dar um jeito no falador Bobby Riggs, no histórico 20 de setembro de 1973.

O veterano e machista jogador norte-americano, inconformado com a ascensão do movimento feminista nos Estados Unidos e sua influência direta no crescimento do tênis feminino, desafiou qualquer mulher a derrotá-lo.

Billie se prontificou e diante de um público de 30.472 pessoas que compareceu ao Houston Astrodome – e de cerca de 50 milhões que assistiram pela TV –, sapecou 6/4, 6/3 e 6/3 no pretenso adversário, salvando o orgulho próprio de suas companheiras, que a carregaram nos braços após a partida.

Claro que o que acontecia por lá chegava ao Brasil, instantaneamente. Não só pela imprensa, mas pelas informações das raras tenistas brasileiras que viajavam (como) Patrícia Medrado, que em 1974, com 17 anos, vencera o torneio de duplas de Orange Bowl com a também baiana Cristiana Brito).

Na verdade, havia uma predisposição para que algo também acontecesse por estes lados do Atlântico. As mulheres estavam se organizando. Fazia quatro anos que a líder feminista internacional Betty Friedan havia passado por aqui. E aquele 1975 marcaria o início dos movimentos feministas – organizados e com esse nome – no país.

O primeiro deles surgiu no Rio de Janeiro, denominado Centro da Mulher Brasileira. No dia 15 de dezembro as paulistas fundariam o Movimento Feminino pela Amistia, que deu origem ao atual Movimento Feminino pelos Direitos Humanos. Ainda em 1975 a ONU promoveu, no México, o 1º Congresso Internacional da Mulher, do qual participaram muitas brasileiras.

Diante disso, a criação da LIFT – Liga Feminina de Tênis –, durante o Campeonato Brasileiro, em Curitiba, não chegou a ser tão surpreendente. Aproveitando a única oportunidade em que estariam juntas durante a temporada, as tenistas, lideradas por Gláucia Langela, a primeira presidente, fundaram a associação no dia 24 de março.

O objetivo principal da Liga era a "união entre as jogadoras do Brasil". União que traria como conseqüências: "Elevar o nível técnico do tênis feminino. Proporcionar um maior número de campeonatos. Começar uma nova época quanto aos prêmios em dinheiro".

"Em resumo, o que a gente queria mesmo era mostrar aos promotores que éramos, no mínimo, oito jogadoras, e poderíamos jogar torneios", lembra Gláucia.

As fundadoras da LIFT, uma espécie de WTA cabocla, foram as paulistas Gláucia Langela e Elisabete Borgianni, as baianas Patrícia Medrado e Cristiana Brito, a mineira Maria Cristina Andrade e a carioca Vanda Ferraz (ainda no mesmo dia a gaúcha Marília Matte uniu-se ao grupo).



Fundadoras da Liga Feminista de Tênis (LIFT). Da esquerda para a direita: Vanda Ferraz, Maria Cristina Andrade, Elisabete Borgianni, Cristiana Brito, Gláucia Langela e Patrícia Medrado.

Alguns dias depois associaram-se Vera Cleto, Angela Moura, a juvenil Cláudia Monteiro, a veterana Ione Borba Dias, entre outras. No primeiro aniversário a LIFT já tinha 18 sócias. Mais do que esperar pela boa vontade de promotores e patrocinadores, cada uma tinha incumbência de ir atrás deles, convencendo-os a investir no tênis feminino.

"Cada jogadora se propôs a fazer um torneio, com prêmios em dinheiro para todas, hospedagem e transporte", diz Gláucia.

A hospedagem era em casa de família, o transporte em ônibus, mas o importante é que os torneios saíam, dando algum dinheiro e mantendo as jogadoras em atividade. O primeiro aconteceu menos de um mês depois da fundação da Liga, e a boa notícia foi passada às pressas num manuscrito xerocado que se tornou o primeiro boletim da entidade:

"Jundiaí, 03 de abril de 1975. 00h10m. Recebi agora à noite a confirmação de patrocínio para o campeonato de Jundiaí. Idêia deles: 1) \$ 1.500,00. 2) \$ 750,00. Total = \$ 2.250,00. Su-

gestão: 1) \$ 1.300,00. 2) \$ 600,00. 3) \$ 300,00. 4) \$ 300,00. Total = \$ 2.400,00. Aceitaram! Portanto, necessário do parecer de vocês. SIM OU NÃO, o mais urgente possível. Acho melhor telegrama. Início do campeonato: 19 de abril, sábado. Duração: 4 a 5 dias. Abraços. Gláucia".

Outro grande torneio aconteceu em Niterói, graças ao empenho de Angela Moura. Vera Cleto conseguiu mais um em Campinas. Aconteceu outro em Curitiba... E assim a LIFT foi sobrevivendo, unindo as tenistas e criando condições para que o tênis feminino se tornasse um produto atraente. Até que, no boletim número 22, de março de 1977, assinado pela nova presidente, Vera Cleto, vinha a grande notícia:

"Na Semana Santa, em Curitiba, começa o circuito de tênis promovido pela Koch Tavares e patrocinado pela Santista. As jogadoras contratadas pela Koch Tavares não poderão jogar nenhum torneio durante o circuito, com exceção dos indicados pela Confederação. As sócias que por acaso entraram em entendimento com clubes

Dois meses depois da Copa Santista, ocorreu a cisão que acabaria com a LIFT. "Toda a vez que entra dinheiro, aparece a ganância", foi a explicação de Gláucia Langela.

para a promoção de torneios para março e abril devem transferir para junho, ou então para o segundo semestre".

A Copa Santista, ao mesmo tempo em que, por seis anos, se transformou na mais proveitosa competição para o tênis feminino brasileiro, logo em sua primeira versão contribuiu para uma acomodação perigosa das outrora aguerridas sócias da LIFT. O primeiro boletim após as nove etapas da Santista insinuava isso:

"Este é um boletim bimestral, válido para abril e maio, porque nestes dois meses foi realizado o circuito da Copa Santista e para quem viajou o tempo todo ficava difícil escrever algo... A LIFT mandou cartas para agradecer a Santista e a Koch Tavares pelo que fizeram pelo tênis feminino, pois este circuito foi "uma mão na roda" para nós. Todas participaram, ganharam dinheiro, e não tivemos que fazer força..."

A sensação de que o trabalho da Liga já estava cumprido e que não era mais preciso continuar trabalhando para convencer novos patrocinadores parecia inevitável (àquela altura, a lista de sócias com mensalidades atrasadas já tinha 11 nomes e era encabeçada justamente pela vencedora da Copa Santista e principal tenista brasileira da época, Patrícia Medrado).

Aquela postura comodista das jogadoras, consciente ou não, parecia refletir um certo relaxamento provocado por vitórias femininas há muito esperadas. Vitórias fora das quadras. Como a aprovação pelo Congresso da emenda que introduziu o divórcio no Brasil, no dia 15 de junho daquele mesmo 1977. Ou, um mês depois, com a quebra de outro tabu, tornando a escritora Raquel de Queiroz a primeira mulher eleita para a Academia Brasileira de Letras.

Mas, voltando ao tênis, o que aconteceu é que a Copa Santista internacionalizou-se a partir de 1978. Isso fez com que aprimorasse seu nível técnico e, conseqüentemente, acabasse premiando apenas as melhores tenistas nacionais – como Patrícia Medrado, Vera Cleto, Cláudia Monteiro, Gláucia Langela, Marília Matte, Andréa Meister –, únicas capazes de fazer frente às estrangeiras.

Ou seja: a maioria das tenistas nacionais continuava precisando de torneios menores, que permitissem uma evolução gradativa. Assim, dois meses depois da primeira Copa, ocorreu a cisão que viria acabar com a LIFT. Em carta de 31 de agosto de 1977, 11 jogadoras, lideradas por Gláucia Langela e Angela Moura, desligavam-se da entidade.

"Toda vez que entra dinheiro e tem muitas pessoas envolvidas, aparece a ganância. Queriam uma miséria para as primeiras rodadas e muito para as campeãs e vices. Aquilo restringiria o tênis feminino brasileiro a duas ou três tenistas de destaque, que é o que aconteceu. De qualquer forma, acho que a LIFT deu certo. O objetivo inicial, de criar condições para torneios profissionais entre mulheres, foi alcançado", analisa Gláucia.

Patrícia Medrado tem outra opinião:

"No início, a LIFT deu certo. Mas acabou dançando porque todas viviam viajando, não tinham tempo para se dedicar totalmente. O que pesou foi a velha história: muita mulher junta dá confusão".

De qualquer forma, a LIFT provou que as mulheres do tênis podiam se organizar. E essa consciência foi importante alguns anos depois, no Campeonato Brasileiro de 1980, quando o incontestável privilégio masculino de receber prêmios maiores foi colocado em cheque, com sucesso.